

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/387668814>

Palavras encharcadas de mundo: cartas para Paulo Freire em seu centenário

Book · January 2023

CITATIONS
0

1 author:



Marcia Lisbôa Costa de Oliveira
Rio de Janeiro State University

38 PUBLICATIONS 32 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Querido mestre,

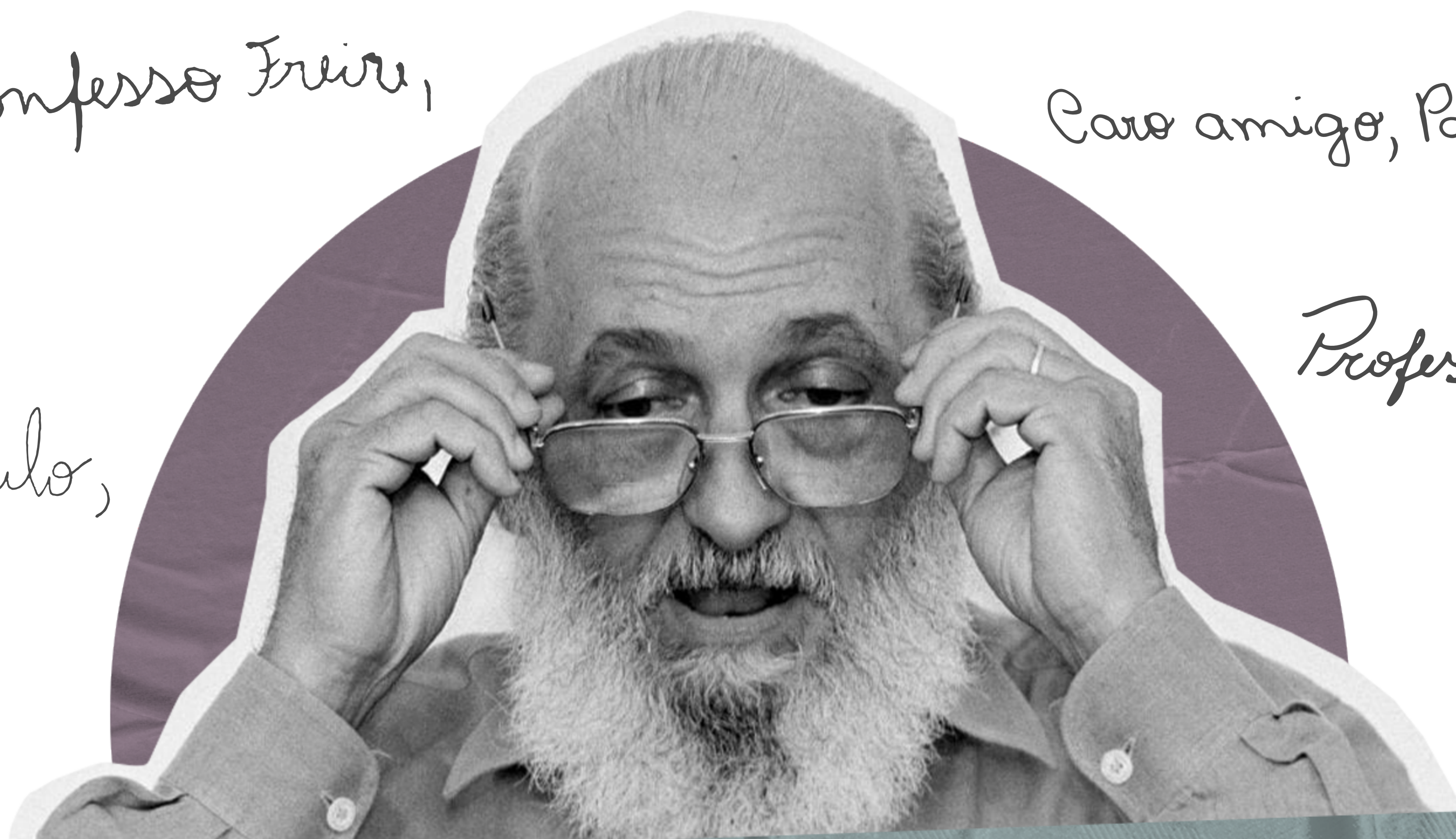
Querido professor Paulo Freire,

Confesso Freire,

Caro amigo, Paulo.

Paulo,

Professor,



PALAVRAS ENCHARCADAS DE MUNDO

Cartas para Paulo Freire em seu centenário

Querido mestre Paulo Freire,

Caríssimo Paulo,

Seu Paulo

Impossível pensar em educação sem que seu nome, Paulo Freire, seja evidenciado...



Marcia Lisbôa Costa de Oliveira
Organização

Organização:
Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

PALAVRAS ENCHARCADAS DE MUNDO

Cartas para Paulo Freire em seu centenário

Realização:
Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social
PROFJUS/ FFP- UERJ



Araraquara
Letraria
2023

Ficha catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Palavras encharcadas de mundo [livro eletrônico]: cartas para Paulo Freire em seu centenário/organização Marcia Lisbôa Costa de Oliveira. – Araraquara, SP: Letraria, 2023.
PDF.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-034-2

1. Cartas 2. Educação – Brasil 3. Freire, Paulo, 1921-1997
4. Professores – Brasil – Formação profissional I. Oliveira, Marcia Lisbôa Costa de.

23-157441

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1
Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

CONSELHO EDITORIAL

Fabiana da Costa Pereira (UFSM)

Maria Ivete Trevisan Fossá (UFSM)

Rita de Cassia Pimenta de Araújo Campelo (UFJF)

“Por favor, nunca deixe de se espantar no mundo e com o mundo”
Paulo Freire (2001, p. 195)

Sumário

Apresentação	7
Prefácio, ou de como alguém ousa escrever missivas em pleno século XXI Clarissa Menezes Jordão	8
CARTAS	10
Ao mestre com carinho! Daniele Maria de Jesus Negre	11
Profissão: professora alfabetizadora em construção Lilian Alves Jandir	16
Por onde ando, lembro de você Ivanete França	21
Ninguém solta a mão de ninguém! Letícia Franco	24
Para falar de utopia Marcia Lisbôa Costa de Oliveira	27
“Não é fácil. Nunca foi, mas eu persisto” Maria José	31
Mais perguntas do que respostas Marcela Fraguas	37
Girar a roda ao contrário Danielle Martins	41
Como esperar em tempos de desesperança? Vanessa Cabral	43
Uma ridícula carta Renata Targino	47
Indesejando futuro de não ser Thaís Pereira da Silva	51
As autoras	53

Apresentação

No centenário de Paulo Freire, o coletivo docente que se reúne desde 2016 no Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social (FFP/UERJ) juntou-se às inúmeras celebrações, eventos e publicações que assinalaram a importância de sua obra e festejaram a sua vida.

Em 2021, vivemos um ano extremamente árduo no Brasil e no mundo. Talvez por isso mesmo celebrar e esperar com Freire tenha sido tão importante para tantas pessoas.

A celebração organizada pelo PROFJUS começou com a leitura de 17 obras de Paulo Freire, desdobrou-se em postagens em redes sociais do grupo e *lives* com convidados muito especiais, para culminar com a escrita das cartas aqui enfeixadas.

Lendo as cartas, observo que, como ensina Freire (1987, p. 135), nelas o contexto teórico e contexto concreto se colocam em “unidade dialética”. Elas são nosso presente para o Mestre, que nos ensinou a pensar criticamente e a lutar por transformações, sem nos esquecermos da boniteza das gentes e do mundo.

Por isso, nessas cartas pesam muitas denúncias, mas elas são também portadoras de anúncios de outro mundo possível, um mundo fraterno, justo e equitativo. É nessa vibração que convido todos, todas e todes à leitura do prefácio de Clarissa Jordão e das demais cartas.

São Gonçalo, março de 2023.

Marcia Lisbôa

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Algumas reflexões em torno da utopia. *In*: FREIRE, A. M. de A. (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

Prefácio, ou de como alguém ousa escrever missivas em pleno século XXI

Clarissa Menezes Jordão

Curitiba, algum dia em março de 2023

Caras, caros e cares¹

Vocês, autoras, autores e autorus do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social escreveram cartas para Paulo Freire. Que desafio compraram. E que produto cheio de boniteza, como diria o destinatário dessas cartas, foram capazes de produzir. Atrevimento escrever *cartas* em tempos de WhatsApp e Twitter. Meio como ouvir discos de vinil. Ou fitas cassete. Muito arrojo mesmo. Parabéns: adorei.

As cartas que li nesse livro demonstram uma intimidade com Freire certamente propiciada por extensas e intensas leituras de sua obra; uma intimidade recheada de muito afeto, que transparece em cada linha, como não poderia deixar de ser em se tratando de Paulo. Depois de ler as cartas, sinto-me autorizada a também me dirigir, nesse prefácio, apenas nesse prefácio, ao Freire como Paulo. Só Paulo. Um Paulo de uma grandeza que nos tira o fôlego diante da magnitude da simplicidade de suas reflexões. Assim também são essas cartas a ele: suscitam empatia, revolta, cumplicidade, choro e riso. São oportunidades de aprender com o Paulo ainda mais, e sempre.

E para aprender, é preciso arriscar-se. Inspirada nele e em vocês, estou fazendo isso conscientemente neste pseudo-fácio, arriscando-me a também escrever uma carta, mas não ao Paulo (a concorrência seria desleal), e sim a vocês que, ousadas, ousados e ousades, agora compartilham suas cartas. Perdoem-me tomar essa liberdade.

Essa minha carta brinca, com seriedade, com os gêneros na linguagem e com os gêneros textuais prefácio e carta, como já devem ter percebido. Tenho o desfaçamento de não trazer referências acadêmicas no formato ABNT nesse prefácio, mas trago nota de rodapé, porque ninguém é de ferro.

Escrevo movida pela emoção de ter lido suas cartas ao Paulo. Encontrei nelas um pluriverso lindo e pulsante que me fez triste por vezes, alegre por outras, pensativa sempre. Rememorei momentos da minha vida, da vida que vivi e vivo em língua(gem), de eventos

¹ Sim, cares também, porque tenho comigo que o Paulo adoraria discutir conosco a ideia de uma linguagem não-binária, até porque antes de ir viver sua vida em outro lugar, ele reconheceu a importância de expandir, na língua portuguesa (que cá entre nós eu acho que deveria se chamar "língua brasileira"), o generalizador masculino supostamente neutro. Se a gramática e a história da nossa língua (ou da língua dos nossos colonizadores – no masculino mesmo, já que a história foi contada por homens) dizem que o masculino é simplesmente um gênero não-marcado, nossa vivência na língua nos diz que ele é bem, bem marcadinho... Mas eu divago. Como é de praxe fazer em notas de rodapé.

significativos da minha carreira, da minha cumplicidade com uma série de violências que meu colonizador interior promoveu. Eu promovi. Promovi também momentos de descoberta, de aprendizagem, de cumplicidade e de parceria amorosos como meus encontros com os textos de Paulo. Agradeço imensamente a vocês por essas oportunidades de aprender. Comigo e com vocês. E com Paulo. E que felicidade me traz essa intimidade que as cartas desse livro propiciaram a ponto de eu me alegrar cada vez que penso e escrevo simplesmente “Paulo”.

Eu queria tanto ter encontrado Paulo, antes, durante ou depois do exílio que a ditadura lhe impôs. Pausei a leitura das cartas algumas vezes pra pensar no encantamento que eu teria se pudesse encontrar o Paulo enquanto secretariava a educação em São Paulo, ou enquanto conversava com Donald Macedo, ou na África, nos EUA, no Chile, em Recife... Mas acabei encontrando Paulo apenas nos textos. Apenas não, porque foi lindo também. Tem sido.

Paulo reverbera por tudo: me impressiona o quanto dele existe no mundo, o quanto dele consigo ver em cada situação, em cada enunciado, em cada rosto que encontro, em cada carta que leio. Então, ver Paulo nessas cartas nem foi tanta surpresa. Porém, foi impactante porque explicitou várias dimensões da importância dele pra todas, todos e todes nós que nem sempre ficam visíveis na correria das mensagens de 140 caracteres. As cartas me fizeram parar, ler, pensar, emocionar. E esperar, como Paulo insistiu tanto que fizéssemos.

Esperancemos pois: esse mundo de vai e volta só volta porque nunca foi, não é mesmo? Então, aprendi com as cartas de vocês ao Paulo que não voltamos: estamos seguindo, até porque a vida não é linear como a colonização do tempo nos quer fazer crer. No presente, lemos, aprendemos, vivemos. Aqui estamos. Com Paulo. Pós ditadura, pós golpes, pós um monte de coisas e experiências que nos fazem como estamos sendo.

Obrigada pela oportunidade que nem Mastercard compra. Estou profundamente agradecida, e não vou alongar esse prefácio com minhas garatujas de inspiração freireana. Nem vocês nem Paulo merecem. Agradeço apenas. Por tudo. E desejo a quem mais ler essas cartas a mesma felicidade que tive. Tenho. Certamente terão. E quem sabe outras cartas escreverão e eu, com essa rima torta, paro por aqui, para não continuar o sacrifício.

Beijos.

Clarissa

CARTAS

Ao mestre com carinho!

Daniele Maria de Jesus Negre

Caríssimo Paulo,

Início esta carta agradecendo-te por ser uma inspiração para mim e tantos outros professores. Eu sou uma entre diversas pessoas que o admiram e seguem seu legado educacional; sou uma professora “freireana”. Sabe, Paulo, toda vez que digo e/ou escrevo que sou uma professora, meu coração chega a bater mais forte de tanta emoção. Digo isso por ser um sonho lecionar. Desde criança brincava de escolinha e sempre queria ser a professora. Todavia ainda não sentia esse desejo tão forte, pois ainda era uma menina que sonhava em ser diversas coisas quando crescesse. Minha escolha profissional ocorreu mesmo aos 15 anos de idade quando, já cursando o ensino de formação de professores no colégio (para ter uma profissão e acreditar que assim seria mais fácil conseguir um emprego), me encantei pela profissão docente e enxerguei nela um meio de lutar contra a desigualdade social. Nessa época, querido Paulo, cursei o início do segundo ano do curso Normal, porém, eu tive que ir para a formação geral do colégio por falta de estrutura familiar e por questões financeiras. Mesmo a educação no Brasil se dizendo pública, ela exige um “aparato financeiro” por trás de cada aluno.

Naquela época, eu ainda não conhecia o termo “Justiça Social”, não conhecia sua importância para educação brasileira, não sabia que anos depois eu tentaria realizar aquele sonho adormecido e nem que anos mais tarde eu teria a honra de escrever esta carta para o mais célebre educador brasileiro, você. Bom, continuarei a discorrer sobre meu processo de formação. Aos 20 anos, eu passei para o curso de Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro após fazer um cursinho preparatório gratuito para o vestibular. Isso só fazia aumentar em mim a vontade de me tornar professora de escola pública, pois lá estão aqueles que quero encontrar: jovens que estão e/ou foram desacreditados, todavia, podem, ainda, perceber que estão em determinada situação, mas podem mudar o final da história com sua própria força. Podem perceber que são capazes! Mesmo antes de conhecer toda grandeza da sua história, luta, legado e humanidade, Paulo, eu tinha pensamentos que se aproximavam dos seus ensinamentos. Percebi ainda muito jovem a importância de refletir criticamente sobre o mundo, por exemplo.

Essa conscientização do lugar que eu estava, como eu vivia, das perspectivas que eu e/ou mesmo outras pessoas tinham em relação ao meu futuro me fizeram enxergar na educação um caminho para fazer diferença não só na minha vida, mas na vida de crianças e adolescentes que precisam ser motivados a acreditar em si. Jovens que não encontram a força necessária para verem que a desigualdade social é cruel, entretanto ela não é maior que sonhos, ela não é maior que a educação. Ela não é superior ao amor. Por acreditar, assim como você, que educação e amor caminham juntos, sigo na luta, acreditando numa sociedade mais justa e mais fraterna.

Confesso ser difícil manter acesa a chama da esperança em tempos tão inquietantes como os atuais. Entretanto lembro das adversidades que passei e quase me fizeram desistir de seguir, de sonhar, de acreditar em mim e nos outros. Ao lembrar como foi importante enfrentar os obstáculos encontrados durante a vida, como foram importantes algumas pessoas que passaram pela minha vida e outras que permaneceram nela é que revigoro minhas forças. Assim, lembro que eu posso ser uma dessas pessoas que passam pela vida de alguém e faz diferença, posso ser a pessoa que desperta ou restaura a esperança no outro. Aquelas pessoas dispostas a ajudar, que olham para o outro e desejam vê-lo realizando sonhos; eu posso ser quem motivará um jovem que não acredita mais em si, devido ao seu contexto social empobrecido, a enxergar a vida por perspectivas positivas.

Paulo, pensar como foi difícil não acreditar em mim, como era triste acreditar que eu não poderia desejar algo que “não era pra mim”, por exemplo, seguir uma carreira acadêmica quando a educação nunca foi o mais importante para os meus familiares, como ter baixa autoestima nos faz paralisar e muitas vezes desistir de nós, dos nossos sonhos. Pensar nisso faz com que eu consiga compreender quão desmotivados os jovens em situação de risco podem se sentir. Reviver esses sentimentos me lembrou da sua obra *Pedagogia do oprimido*, em que nos diz que “quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” (FREIRE, 2018, p. 65). Refletir seus ensinamentos sempre me motiva a seguir, mas essa obra, especificamente, me toca profundamente. Esse trecho do livro me faz olhar para frente e pensar que eu sei como muitas crianças e muitos adolescentes estão se sentindo agora. Faz-me desejar mais seguir construindo meu conhecimento e compartilhando com meus alunos, faz-me lembrar que eu preciso acreditar na minha luta, que eu preciso alcançar esses que estão sendo vítimas da opressão. Sinto-me tocada por essas palavras por saber como os efeitos da opressão doem, por saber como é cruel viver numa sociedade opressora e desigual, por saber como é triste achar que não somos ninguém..

Mas somos alguém! Todos nós temos nossas vivências, nossos saberes. Por estarmos do outro lado da linha abissal de que fala o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2007) é que nos excluem da sociedade, fazendo-nos acreditar que devemos permanecer no lugar que estamos, devemos ficar estagnados e servindo aos que nos dão ordens sem questioná-los. Por isso, temem tanto que a população pobre seja uma população consciente, um povo crítico. Sabemos que o caminho para essa ascensão é a educação, por esse motivo a educação pública no Brasil segue sem seu devido valor. Por ser uma oprimida que venceu a situação de vulnerabilidade social por meio da educação é que desejo a mesma oportunidade para essa parcela da população, os que estão do outro lado da linha invisível que separa a sociedade por meio dos acessos à educação, cultura e lazer. Assim, ser professora para mim é mais do que uma profissão: é uma missão.

Pensar na sociedade e nas suas desigualdades dói o coração, mas lembrar que não estou só, que há muitas pessoas dispostas a lutar em prol dos que sofrem com a desigualdade social me faz renovar as esperanças, me faz lembrar que é preciso esperar. Foi a esperança em mim e no outro que me moveram a seguir em busca do sonho de uma carreira acadêmica. Hoje, após uma desistência da graduação e um trancamento de matrícula, eu estou no mestrado. Meu trajeto me motiva a ser uma professora engajada a promover a conscientização dos alunos para que busquem sua própria libertação.

A realidade das crianças e adolescentes que estão em situação de risco é cruel e não lhes permite projetar um amanhã de conquistas. Eles acreditam, muitas vezes, que não têm importância alguma, que suas vidas não fazem diferença, o que faz com que esses jovens não tenham perspectiva de vida. Viver ou não viver é irrelevante, pois para muitos deles a vida não tem sentido. A partir das reflexões acerca de como essas crianças e adolescentes leem o mundo é necessário que haja um trabalho efetivo de ação-reflexão no processo de ensino/aprendizagem. Agir e refletir sobre o processo de construção de conhecimento do aluno é fundamental. Pensar em quais impactos aquela ação está causando, qual é a colaboração na construção de conhecimento do aluno, como está sendo realizada a troca de saberes necessária nesse processo de mudança/transformação, uma vez que somos seres inacabados e estamos em constante mudança.

Essas reflexões são necessárias para que tanto professor quanto aluno reconheçam seus papéis na sociedade e sigam esperando juntos. A todo momento, quando me refiro aqui aos alunos, falo sobre crianças e adolescentes, mas isso não se dá por eu ter esquecido dos adultos que estão na escola e necessitam – demais – de nossa atenção. Faço tal “recorte” porque, desde as primeiras linhas minha mente e coração se voltaram para meninos e meninas que conheci durante minha experiência profissional até o momento. Eu ainda não realizei o sonho de entrar numa sala de aula como professora, mas me realizei sendo mediadora de oficinas de língua portuguesa num abrigo municipal localizado em São Gonçalo/RJ. Durante os anos que tive a honra de construir conhecimentos junto a eles, pude perceber quão importante é seu legado, Paulo, para nós, professores que lutamos por justiça social. Seus ensinamentos, suas palavras, seus conselhos, seus alertas, seus questionamentos e suas experiências foram, são e serão de grande valia para o processo de formação acadêmica e humana de muitas pessoas.

Ao longo do período que participo das oficinas, passei por diversas mudanças, porém algo não muda: o amor que sinto pela minha profissão e por cada criança e adolescente que conheci. Isto pois a amorosidade na educação de que falou sempre estará presente nas salas de aula que eu estiver como docente. Ao pensar no acolhimento, na afetividade que acredito serem essenciais na escola, me lembro da obra de Leonardo Boff *Saber cuidar* (2014, p. 126), que diz “[...] o amor é o fundamento do fenômeno social e não uma consequência

dele [...] o amor é sempre uma abertura ao outro e uma con-vivência e comunhão com o outro”. Dessa maneira, sigo na busca de ser uma motivadora para aqueles que estão desacreditados, que estão desistindo de si, estão sem ânimo para sonhar, pois acredito que o amor é caminho para um mundo melhor.

A emoção é tamanha ao redigir esta escrita a você, amado mestre. Seus ensinamentos são imprescindíveis para nós, professores que acreditamos num amanhã melhor, nós que vivemos esperando. Despeço-me, reforçando quão amado és, quão importante és. Paulo, querido, você nos inspira a esperar mesmo quando está complicado seguir. Gratidão!

Um abraço fraterno,

Daniele de Jesus

São Gonçalo, 21 de novembro de 2021.

Referências

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estud.* – CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.

Profissão: professora alfabetizadora em construção

Lilian Alves Jandir

Esta carta traz uma reflexão acerca da minha prática pedagógica, enquanto professora alfabetizadora de crianças, em uma escola localizada no bairro da Rasa, comunidade quilombola do município de Armação dos Búzios, litoral do estado do Rio de Janeiro. Há cerca de 11 anos, venho dedicando-me a entender os processos de alfabetização e letramentos infantis com base em abordagens teóricas, observando como esse público concebe a linguagem escrita ao mesmo tempo que se apropria da leitura.

Impossível pensar em educação sem que seu nome, Paulo Freire, seja evidenciado, principalmente quando falamos num ensino voltado às classes populares, para aqueles que são oprimidos por um sistema que insiste em nos manter à margem da sociedade, sem vez e sem voz. Suas ideias e seus posicionamentos em defesa da justiça social, ainda hoje, nos dão força, nos inspiram e nos encorajam a acreditar na luta por igualdade de direitos, mesmo diante das circunstâncias que continuam a nos assombrar. Ensinam-nos que o primeiro passo em direção à mudança está em reconhecer-se como oprimido e envolver-se para modificar essa situação. Somente depois disso, será possível transformar a realidade na busca da tão sonhada libertação.

“No fundo, este deve ser o sonho legítimo de todo autor – ser lido, discutido, melhorado, reinventado, por seus leitores.” A escrita é uma arte, logo conseguir escolher as palavras certas, alinhá-las tecendo ideias e compondo sentidos para dar vida aos pensamentos daquele que escreve não é tarefa fácil. Essa é uma realidade dos seus textos que, mesmo escritos há anos, revelam uma verdade que se faz presente e atual nos dias de hoje. Suas opiniões trazidas à tona cruzaram o mundo e, se causavam desconforto aos grupos de extrema direita de antigamente, continuam a fazê-lo na atualidade.

O desenvolvimento do meu trabalho acontece baseado nos posicionamentos que você tanto sustenta nos seus relatos. Na dinâmica da sala de aula, defendo a prática de uma alfabetização pautada no diálogo, no afeto e na reflexão, atentando que esta vai além da aprendizagem das técnicas da leitura e da escrita. São momentos que o ensinar e o aprender se confundem em meio a tanta intimidade, tornando difícil perceber onde um termina para o outro começar e eu, professora, envolvida nesse contexto, acabo por aprender muito mais do que ensinar.

Na alfabetização, sempre me encantou poder acompanhar e participar da trajetória das crianças no percurso de descoberta das letras e de como estas se relacionam na escrita, formando palavras, frases e, aos poucos, pequenos textos. Em meio a esse processo, elas vão percebendo que aquilo que antes parecia apenas uma sequência de letras traz consigo um significado. É quando se dão conta de que já conseguem realizar a leitura.

Percebi, no entanto, que eu precisava fazer mais pelo ensino e pela aprendizagem dos meus alunos do 1º ano do Ensino Fundamental e, também, por mim enquanto sua professora.

Baseando-me no fato de a escola estar situada em um bairro reconhecidamente quilombola e não utilizar elementos dessa cultura como ferramenta para discussão e análise das propostas escolares, decidi retomar meus estudos e ingressei no Mestrado. O objetivo do meu projeto é investigar por que essa instituição não consegue dialogar com a comunidade para entender os acontecimentos envolvidos na sua formação e identidade, bem como da população que a constitui, enxergando nesse conhecimento um material produtivo para a aprendizagem.

É importante destacar que, mesmo com legislações e documentos para regulamentar o ensino e a reflexão das culturas e da história Afro-brasileira nas escolas, como a lei nº 10.639/03 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tal temática ainda não é contemplada com a importância merecida. Os negros são, somente, lembrados em datas comemorativas, da qual se destaca 20 de novembro, marco de celebração da Consciência Negra. Para que esse dia não passe despercebido dentro do meio escolar, atividades e trabalhos descontextualizados de fatores e elementos históricos acabam sendo realizados sem nenhum embasamento. Desta maneira, essa ausência de discussão com os alunos sobre os fatos do passado não lhes permite entender muitas das situações vivenciadas no presente e, como consequência disso, tornarão mais difíceis possíveis mudanças de postura e de comportamentos no futuro.

Mais uma vez, alio-me aos seus ideais de alfabetização quando você afirma que esta precisa acontecer contemplando as histórias de vida e as experiências daqueles que estão envolvidos no processo. Os educandos precisam conhecer sua cultura para aprender a valorizá-la, respeitá-la e, conseqüentemente, preservá-la. Destaco que esse planejamento com o objetivo de desenvolver nos alunos a consciência de quem são e do papel que ocupam na sociedade, ao mesmo tempo que refletem sobre o funcionamento da língua escrita, é muito potente para a formação de cidadãos críticos diante das situações do dia a dia impostas pelo meio do qual fazem parte.

A motivação para minha proposta de pesquisa surgiu em meio a uma conversa com uma colega que é professora, quilombola e moradora da comunidade. Foi quando percebi que poderia alinhar o tema alfabetização a outra questão de tamanha relevância para meus alunos, para a escola e, também, para mim. Com isso, fica evidente que o conhecimento não acontece isolado, pelo contrário, ele se dá através do diálogo, da interação, da troca que estabelecemos com outras pessoas, no momento que nos abrimos a novas possibilidades.

Enquanto professora pesquisadora, desde que comecei a me interessar mais sobre o assunto, a levantar materiais de leitura para fundamentar meu projeto, fui percebendo que ainda tenho muito a aprender sobre a temática quilombola. Apenas depois de iniciado o trabalho, meus pensamentos levaram-me a fatos vivenciados na minha infância, no seio familiar, mais precisamente, com meus parentes maternos.

A família da minha mãe nasceu em uma pequena comunidade, chamada Barrinha, no município de São Francisco do Itabapoana, localizado ao norte do estado do Rio de Janeiro. Durante todas as férias escolares, quando ainda era menina, eu, minhas irmãs e primas viajávamos para esse local, onde ficava a casa dos meus avós. Íamos para a “roça”, como costumávamos dizer. Depois de já adulta, quando não conseguia mais viajar para lá com tanta frequência, esse local foi reconhecido como área quilombola. Eu não participei dos encontros e eventos que passaram a acontecer a partir desse momento.

Agora, por conta da minha pesquisa, sempre me vejo voltando ao passado e me lembrando sobre como foi minha infância na “roça”, espaço carregado de elementos culturais, repleto de riquezas que eu, naquela época, não conseguia mensurar. Nesse lugar, viviam tantas pessoas, como meus avós, tios e tias, que hoje poderiam me relatar suas memórias, dando vida às histórias do passado, mas que infelizmente já se foram.

Através da imersão neste trabalho, consegui identificar minha ascendência quilombola. As experiências que tive enquanto criança, naquele espaço, contribuem para confirmar como foi tudo tão significativo e prazeroso para mim. Meus avós tinham um grande quintal e algumas plantações de alimentos, então muito do que consumíamos era colhido por nós. Tínhamos frutas, legumes e verduras sempre ao alcance das mãos. Além disso, eles criavam porcos e galinhas. Caminhávamos até a praia com facões e baldes para pegar ostras. Quando chegávamos de volta, vovó acendia o fogo na cozinha de lenha, localizada fora da casa, para ferver as ostras e podermos tirá-las das cascas. Tínhamos o hábito de pescar nas lagoas. Raspávamos mandiocas para fazer farinha e tapioca na bolandeira, que era uma casa de farinha que ficava no quintal de uma das minhas tias.

Resgatar fatos do passado, vivenciados pelos moradores mais antigos, será potente nos processos de alfabetização e de letramentos. As memórias dessas pessoas que vivem nas comunidades quilombolas abrigam uma significativa carga histórica. Ao mesmo tempo que as crianças serão levadas a conhecer os acontecimentos vivenciados por seus antepassados e os fatores que condicionaram a formação do bairro onde moram, serão estimuladas a utilizar esses elementos para fundamentar sua aprendizagem, sendo levadas a ler palavras partindo, primeiramente, da leitura do mundo em que vivem.

Dessa forma, tenho percebido que me encontro, ainda, numa ação de contínua aprendizagem comigo mesma. Sou um ser em evolução, em constante formação, onde meu eu, docente, está sempre se renovando a partir das experiências e das vivências que vão se somando e me construindo pouco a pouco.

07/11/2021

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 77. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

Legislação

Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Por onde ando, lembro de você

Ivanete França

Caro amigo, Paulo.

Bem, acho que posso chamá-lo assim, por amigo, afinal, somente os amigos são capazes de abraçar a causa justa do outro, nos colocam no prumo quando estamos fraquejando e somente os amigos acolhem os dias sombrios com palavras de esperança e de amor. Os amigos são aqueles que nos dão força, mas também nos mostram quando estamos indo pelo caminho torto, seja em qualquer área da vida. Você, por exemplo, amigo Paulo, me ensina gentilmente que, como educadora, “não posso esgotar minha *prática* discursando sobre a *Teoria* da não extensão do conhecimento”. Sobre isso, percebo que estou no caminho certo.

Na última semana, pensei muito em ti, Paulo. Estive na cidadezinha onde nasci. Conheci a casa em que meu tataravô viveu e criou seus três filhos, dois homens e uma mulher – ela, a minha bisavó –, que nos deu a avó que conhecemos, mulher trabalhadora, que enquanto o marido saía para pescar e levar o alimento para casa, ensinava com sabedoria os seus nove filhos. Foi no quintal de casa que os educou. Por isso lembrei-me de ti, Paulo, porque foi debaixo daquelas árvores que aquela jovem mulher, parideira, cantou cantigas de roda, contou histórias e folclore da pequena Viana, falou de sua ancestralidade, de sua vó indígena e mostrou aos filhos o seu conhecimento, que lhes valeu muito e lhes deu esperança de dias frutíferos, assim como as árvores daquele quintal. Aquelas mãos que ali colhiam, quebravam e vendiam os cocos para completar a renda eram mais do que mãos calejadas; eram, sobretudo, aprendizados. Minha avó lhes ensinou a ler e a escrever, a serem homens e mulheres fortes, letrados pelas vivências, pela solidariedade de distribuírem sua fortuna – não a fortuna monetária, porque essa, eles não possuíam – mas através das trocas com aquela comunidade, quando um compartilhava com o outro o seu conhecimento, o seu afeto, a alegria de ter a sombra das árvores para acolherem-se em comunhão depois de um dia inteiro de trabalho pesado. Eles carregavam consigo o sentimento de esperança, esperança do verbo *esperançar*. Eu sei, caro amigo, que você ia gostar de conhecê-los. Sei que ia lhes dizer da importância da educação, que a esperança é um trunfo importantíssimo, que é preciso lutar pela libertação, e que, “a libertação é possibilidade; não sina, nem destino, nem fado.”.

Paulo, por onde ando, lembro de você, lembro que você lutava por um Brasil justo, por um Brasil Educador, de um povo próspero, capaz de “assumir-se sem humilhação”.

Espero, caro amigo, que as tuas palavras não sejam deixadas ao léu. Somos um número enorme de educadoras e educadores que acreditam na justiça social. Seguimos, através do

afeto, trabalhando em prol do rigor ético e político, mesmo sabendo da dureza e aspereza da realidade.

Deixo, então, a minha gratidão em saber que sempre poderei contar contigo e com a tua leitura do mundo.

Um forte abraço, amigo.

Ivanete.

02/12/2021

Ninguém solta a mão de ninguém!

Letícia Franco

Niterói, 23 de novembro de 2021.

Querido mestre,

Chego a minha casa, depois de um dia exaustivo de muito trabalho (só hoje atuei em duas escolas e na secretaria de educação. A nossa profissão, infelizmente, requer esse lá e cá, essa dupla, tripla jornada...) e percebo que o tempo está passando e ainda não consegui escrever para você.

Esse corre-corre diário só se intensifica na realidade educacional tupiniquim e nós, professores e professoras, vamos atropelando nossas leituras, vamos nos afastando dos projetos por nós idealizados, vamos reduzindo o tempo dedicado ao planejamento de nossas ações para darmos conta de uma carga horária extensa de aulas, além de tantas questões burocráticas que atravessam o nosso fazer pedagógico.

É, querido Paulo, nós professores e professoras precisamos cada vez mais nos reinventarmos. Essa palavra, inclusive, tornou-se recorrente no nosso discurso a partir da pandemia instaurada em nossas vidas no ano passado. Pandemia em pleno século XXI, acredita? Pessoas do mundo inteiro entocadas em suas casas, tendo de evitar sair às ruas para minimizar a circulação do coronavírus.

Escolas fechadas, querido Mestre. Aulas presenciais substituídas por aulas síncronas e atividades remotas. Plataforma Zoom, Meet e Classroom são alguns dos termos que se inseriram em nosso vocabulário. O chão da escola, concreto, passou a ser *on-line*, tornou-se virtual e a tecnologia se tornou fundamental. Manter a interação com os estudantes do outro lado das telinhas se tornou um desafio crucial. Até rimou! Apenas assim, através de trocadilhos com a matéria-prima de nossa labuta, para amenizarmos os longos meses de sobrecarga em nossos ombros já tão calejados. Tivemos de nos adaptar aos ambientes digitais de aprendizagem para tentar chegar aos alunos e alunas que estavam em suas precárias casas sem computadores, sem celular, sem internet para se conectar e as aulas acompanhar. Se houvesse um Oscar para a palavra mais proferida nos últimos tempos, certamente o verbo *reinventar* e suas derivações sairiam vitoriosos.

E como nós, professores e professoras, precisamos nos reinventar para acompanharmos as intempéries nossas de cada dia, que não têm sido poucas, diga-se de passagem. O litro da gasolina, Mestre Freire, está nas alturas; o quilo da carne, então, nem se fala e "o preço do feijão não cabe no poema", já dizia nosso querido Ferreira Gullar. A realidade da classe trabalhadora está cada vez mais difícil. O bicho homem catando comida entre os detritos, se me permite resgatar as palavras de Manuel Bandeira com seu poema também tão atual. A fome assombrando novamente o nosso Brasil e a população anestesiada, passiva,

sendo governada por fascistas genocidas negacionistas. Oprimidos se tornando opressores. Essa revoltante realidade nos traz a seguinte reflexão: como pensar em estudar quem não tem do que se alimentar? Como pensar no processo de ensino-aprendizagem sem considerar a realidade em nosso entorno? Mais do que nunca a ação de esperar se faz extremamente necessária, Mestre Paulo. Sabia que, em 2021, essa também foi uma das palavras mais recorrentes entre os educadores e educadoras país afora? Pois é, estamos todos e todas sedentos e sedentas desse esperar que nos move à busca de estratégias para a construção de uma sociedade mais justa, sem fome, sem preconceitos, sem ódio.

Tenho me reunido, inclusive, com um pessoal que segue resistindo a tamanhas atrocidades, que se propõe a refletir, discutir e “arregaçar as mangas” em prol de um fazer que busque a justiça social. Em prol de um fazer que considere a realidade e a problematize. De um fazer que não se reduza à mera exposição conteudista, eurocêntrica e canônica, mas de um fazer que valorize os saberes da vida, os saberes do cotidiano, as perspectivas decoloniais da história, a indagação. De um fazer que busque a conscientização, a criticidade, a liberdade, a emancipação, a amorosidade. De um fazer de quem se inquieta com as desigualdades e injustiças e luta por um mundo mais justo e menos desigual.

Essa tem sido, Mestre Paulo Freire, a estratégia para prosseguirmos em nosso caminhar. Juntos e juntas, ninguém solta a mão de ninguém! E, certa de suas mãos entrelaçadas às nossas, registro aqui meu profundo agradecimento por tantos ensinamentos que, mesmo de longe, ainda nos propicia! Gratidão!

Com carinho,

Letícia Franco.

Para falar de utopia

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

Paulo,

Escrevo-lhe não para contar das coisas que se passam por aqui, mas para que me ajude a pensar no que pode vir e a acreditar no futuro, como você sempre acreditou, apesar de tudo.

Não vou escrever sobre as coisas ruins, elas vão passar.

Nesse ano do seu centenário, estivemos lendo mais do que nunca seus textos. No nosso grupo, fizemos uma linda festa, com convidados muito especiais. Foi uma festa de ideias e de pura boniteza!

Fiquei pensando na sua reflexão sobre como os vídeos, tecnologia bem recente quando você falou sobre isso, poderiam ajudar na formação de professores e na conversa sobre a necessidade de computadores na escola. Relendo o que falou e escreveu sobre tecnologia em textos recolhidos por Nita (FREIRE, 2001), acho que você gostaria de ter participado de nossas *lives* e talvez até acompanhasse nossas postagens no Instagram.

Pouco a pouco, a partir da ideia genial de Elisete, construímos um trabalho coletivo que ficou incrível, mas eu sou suspeita, porque amo seus escritos e amo o pessoal do PROFJUS.

Mas ficou realmente muito denso e muito forte.

O trabalho estético de Thaís com certeza iria atrair sua reflexão pelo modo como ela “codificou” os sentidos, para usar uma palavra que remete aos seus primeiros textos, escritos antes que eu nascesse.

Voltando aos vídeos, se tiver acesso ao YouTube, aí por onde flutua, veja quanta coisa legal está disponível, quanta coisa bacana se fez e se disse sobre suas ideias.

Eu tenho me deliciado assistindo a várias entrevistas e falas suas, arquivos preciosos que foram colocados na rede – adoro ouvir suas ideias ponderadas e radicalmente transformadoras, expressas na voz calma e doce de quem acredita no amanhã.

Ouvi-lo e vê-lo é sempre um alento.

De tudo que vi, li e ouvi sobre suas reflexões, a utopia foi o meu ponto de mutação.

O verbo esperar, durante esse ano de 2021, foi a palavra do ano, para mim. Foi tão falado que eu quis saber melhor sobre o seu jeito de pensar a esperança, em conexão com o sonho possível e a utopia.

Por sua causa, fui ler Ernst Bloch, e estou descobrindo pouco o quanto ele marcou o seu modo de ver o mundo. Lendo *O princípio Esperança (1976)*, fui encontrando em Bloch

a importância do sonhar acordado, da esperança que pode ser clarividente e permitir o olhar lúcido. O texto é muito bonito e muito profundo. Adorei a afirmação da “ressonância sempre antecipante da intenção” (BLOCH, 1976, p. 12, tradução nossa) e fiquei pensando: é isso!

Você sabe mesmo das coisas! Sem ler você, eu nunca teria encontrado Bloch. Os livros dele estão esgotados no Brasil, sabia?

Ler em PDF a versão portuguesa estava sendo muito complicado – PDF não é livro, né?

Em alemão seria impossível.

Então resolvi comprar a tradução para o francês, na Estante Virtual, para entender o que ele chama de “fenômeno da utopia”. Não me arrependi. Embora não seja uma leitura fácil – o sabor das palavras me seduziu, especialmente a utopia como *o-que-ainda-não-foi* (BLOCH, 1976), *o não-ainda* (FREIRE, 1976, p. 12).

Encontrei em Bloch o princípio esperança como aspecto ontológico do humano de que você fala tanto e aí fui fazendo uma arqueologia do modo como você entende a utopia, escavando nos seus escritos e nas ideias de Bloch sentidos outros, para muito além do que eu tinha podido entender até então.

Fui descobrindo nas minhas escavações que utopia para você não tem nada a ver com a criação de mundos inventados; é um modo de ser e estar no/com o mundo.

É sonho possível, esperança, luta, anúncio, projeto, arquiteturação, criação, não-ainda, desejo, inédito viável, futuridade, futurível, ousadia, conjecturação e é também risco. É *não-ainda* pelo qual se luta e está atravessada pela esperança, não é jamais uma quimera.

Nessa leitura que fui fazendo de seus escritos, primeiro voltei a Bloch, depois cheguei a Boaventura de Souza Santos, outro utópico – ou utopista como ele escreve. Boaventura também é um inventador de palavras. Ele diz que a utopia é a única saída contra a “atitude futuricida” (SANTOS, 1995, p. 323).

Eu acho que Boaventura pensa mais *concretamente* do que você e Bloch, ele quer a utopia no “aqui e agora”. O que eu encontro de parecido no modo como vocês três pensam é a crença na possibilidade de sociedades justas, solidárias e felizes. Mas será que concordariam entre si?

Você acha que a utopia concreta de Bloch, o seu sonho possível e a utopia realista de Boaventura são modos diferentes de dizer o mesmo? Ou são coisas diferentes?

Como um homem que esperançou e pensou sempre em direção ao futuro, o que acha da utopia no/para o presente que o Boaventura defende?

Queria mesmo era poder conversar com você. Quem sabe um dia...

Antes de terminar essa carta, eu preciso fazer um pedido.

Eu sei que você nunca deixou de acreditar no Brasil, e sempre achei isso incrível, porque a sua vida não foi nada fácil. Então, o que peço é que, de onde está, me dê forças para continuar acreditando também.

Muito obrigada por você existir.

Como afeto,

Marcia

12/11/21

Referências

BLOCH, Ernst. **Le Principe Esperance**. Paris: Gallimard, 1976. Tomo 1.

FREIRE, Paulo. Algumas reflexões em torno da utopia. *In*: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

“Não é fácil. Nunca foi, mas eu persisto”

Maria José

Paulo,

Escrevo essa carta para contar as novidades. Você não vai acreditar, mas temos um genocida na presidência. Eu não tenho nada com isso, mas muita gente acreditou e votou nesse pulha. Votei na esquerda porque sou dessas que acredita na igualdade de direitos, na educação para todos, numa vida com justiça social. Não sei se sabe, mas sou uma professora inquieta e em construção. Só agora, aos 50 anos, ingressei no mestrado em Educação. Levei um tempo para realizar esse sonho porque precisei fazer escolhas. Pobre desde cedo aprende que precisa fazer escolhas. Sou cria da escola pública. Estudei no Raul Vidal que mais parecia um presídio, visto de fora. Já sofria *bullying* nessa época e nem sabia. Nunca reclamei de estudar em escola pública. Minha mãe, professora primária, sempre nos explicou a importância da educação, do respeito com a coisa pública. E olha que ela era de uma cidade (kkkkkk só tem duas ruas) do interior do Rio de Janeiro. Quantas lembranças das tardes fazendo o dever de casa sentada na cozinha com meu irmão. Parece que ouço minha mãe dizendo: “estudem porque pobre só vence na vida pela educação. A única herança que posso deixar para vocês é a educação.” Se estivesse viva, estaria apavorada e com medo do nosso envolvimento nas manifestações contra esse desgoverno.

Eu e Mário sempre fomos de esquerda e desde sempre participamos de assembleias, debates, plenárias, passeatas... Muito em função da Pastoral da Juventude. Mas também porque desde cedo aprendemos o conceito de alteridade.

É o diálogo com a alteridade que permite o desenvolvimento da identidade. O eu e o outro se constituem e realizam a vocação ontológica (ser mais) no diálogo e na aceitação do outro como pessoa-sujeito, [...] eu apenas existo a partir do outro. É a alteridade ética do outro que desperta o eu de sua alienação e egoísmo” (TROMBETTA, 2010, p. 59).

Nossa mãe já havia construído esse conceito sem nem saber da existência dele. E nós também.

Lembro de quando cheguei a nossa casa e disse que havia escolhido uma optativa na faculdade (UFF) e que a aula seria externa. Ela apenas levantou as sobrancelhas e disse: “Isso é influência do seu irmão. Agora, você também dando aula no Edgar Costa?”. Não sei se você sabe, mas é um presídio aqui em Niterói. Uma experiência singular. E tive aula nada mais nada menos que com Marcelo Freixo. Aliás, que aula.

Crescemos entre livros e enciclopédias. Paulo, você lembra da Barsa? Do século XX? Minha mãe economizou muito para comprá-las. Antes delas, íamos às bibliotecas públicas. Eu ficava encantada com tantos livros, com o silêncio respeitoso das pessoas naquele espaço, com a paciência da atendente em procurar o livro que precisávamos. São tantas

lembranças boas que esqueço das asneiras que ouço diariamente. Uma delas é que a terra é plana. Você acredita nisso? Paro por aqui, porque quero escrever uma carta leve e não posso falar palavrão (lembrei da Marcia Lisboa chamando nossa atenção numa reunião do grupo de pesquisa porque pronunciamos o nome B..).

Ingressei no Estado como professora há 15 anos. Demorei um pouco para aceitar que essa seria minha escolha profissional. Não queria passar pelos apertos financeiros que minha mãe passava. Perdemos nosso pai muito cedo e minha mãe foi mãe solo e carregava com ela a responsabilidade de cuidar de duas crianças num mundo onde a inflação estava nas alturas. O salário de professora era pequeno, mas nunca nos faltou nada. Outra coisa que pobre aprende desde cedo, dar valor a tudo que tem, que conquista porque a luta é sempre muito grande. Nada cai do céu. É preciso vencer um leão por dia na esperança de que o outro seja mais tranquilo.

Com todas as dificuldades, tornamo-nos pessoas responsáveis, preocupadas com o outro, solidárias e tremendamente questionadoras. Já falei que somos de esquerda, né? É sempre bom frisar essa informação para não sermos confundidos. Nunca mais poderei usar a camisa da seleção brasileira. Vai que sou confundida com o gado?! Vivemos situações embaraçadas, como em uma vez num aniversário de família, algum desavisado veio nos perguntar se votaríamos num tal candidato de direita. Eu e meu irmão nos olhamos e pensamos: “é agora que o negócio fica bom. Esse aniversário está muito parado.”. Passamos um tempo explicando nossa escolha e no final de uma longa conversa, o sujeito vira e diz: “tudo bem. Eu entendi tudo que vocês falaram, mas votar no PT?”. Literalmente, vivemos o retorno de Jedi.

Muito do que aprendi na militância, levei para sala de aula. Sempre buscando textos, músicas e poesia que fizessem críticas à situação política, social e econômica do país. Educar sempre foi um ato político e não consigo pensar de que forma seria possível educar sem fazer uma análise da realidade, sem entender que faço parte da classe trabalhadora, pobre e que, portanto, não é a dominante e por isso preciso estar atrelada aos que como eu buscam a justiça social. Estar em sala de aula, provocar o aluno com textos, criar possibilidades de construção de conhecimento, fazê-lo acreditar que é possível pensar num mundo mais justo, é minha responsabilidade se entendo que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão.” (FREIRE, 1987, p. 88).

Ao longo desses anos, muitas coisas aconteceram, mas minha inquietação permaneceu. Chamo de inquietação esse caminho sem volta que o educador faz ao terminar um livro e refletir sobre as questões levantadas nele. Como lidar com tantos atravessamentos? Como evitar discussões sobre questões tão caras, como gênero, política, violência doméstica, racismo, desigualdade social dentro do espaço escolar? Pode parecer estranho e contraditório,

mas existe resistência por parte de direção e coordenação. Lembro de um Café Literário, em 2018, quando no final de todas as apresentações, as professoras (eu e mais duas colegas de Língua Portuguesa e Literaturas) gritamos: “Ele não!” Não preciso dizer que causamos um desconforto danado. Se ficamos preocupadas? Não mesmo. Foi de uma boniteza e alegria sem tamanho. Minha crítica aqui quanto à resistência é porque minha concepção de educação é aquela que precisa ser inclusiva e não excludente. Como professora, preciso praticar a escuta sensível, enxergar meu aluno. Isso não foi a academia que me ensinou. Foi a vida.

Hoje, nas leituras do Mestrado, deparo-me com Boaventura e as Epistemologias do Sul. Com conceitos como a sociologia das ausências e das emergências, ecologia dos saberes e as artesanias das práticas. Percebo que as linhas abissais criadas pelo capitalismo, colonialismo e o patriarcado são muitas e que preciso estar muito atenta a isso porque não quero e não posso invisibilizar o “eles” (faço parte dele), reproduzir um discurso preconceituoso (se não me posiciono, sou preconceituosa), negar e invalidar a produção de conhecimento do outro. Não porque quero ganhar a estrelinha dourada com isso, mas porque não posso estar no mundo de maneira morna. Preciso romper, mesmo que timidamente, mas não sozinha porque tem muita gente boa nesse caminho comigo, as fronteiras abissais erguidas por quem detém o poder. Romper com o epistemicídio (SANTOS, 2019) porque se quero verdadeiramente ser inclusiva, preciso destruir muitas barreiras e esse processo acontece em sala de aula. Por isso reafirmo meu compromisso com uma educação libertadora porque “não há pedagogia libertadora sem respeito ao outro e a suas experiências de vida e às muitas histórias que tecem nossa existência” (TROMBETTA, 2010, p. 59).

Paulo, fico por aqui com a certeza de que essa conversa deveria ter acontecido tomando um *capuccino* e olhando o mar. Estaria com meus livros velhos e marcados para que pudesse autografá-los. Quanta honra ler e me deixar ser atravessada por você. Sou uma professora em construção e quero permanecer assim. A ideia de completude me assusta porque parece que estou pronta, que não preciso fazer mais nada, e não é esse o caso. Tenho um caminho longo e seguirei fazendo barulho, resistindo e incomodando quem insiste em me calar.

Já ia esquecendo de compartilhar com você um *rap* que contempla tudo que penso, sinto e luto. Simbora porque não tem coisa melhor que resistir com *rap*. *Rap* é vida! *Rap* é movimento! *Rap* é combate! *Rap* é explosão! *Rap* é você, Paulo Freire!

Um abraço de urso com todo meu carinho e gratidão.

Maria José

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**. A afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TROMBETTA, Sérgio. Alteridade. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Anexo

Inquérito (Rap)

Tem tanta linha que a gente inventô
Tem linha de montagem
Até linha de retrô
Linha de pensamento
Linha do Equadô
Linha de telefone
E linha de tricô
Linhas reais ou imaginárias
Várias
Linhas inúteis
Tão necessárias
Várias
Só sigo aquilo que o poeta “falô”
Quem anda na linha é trem ou metrô
Sou água que corre entre as pedras
Caça jeito
Liberdade ninguém carrega
Explode o peito
Tô na linha de tiro
E não posso moscar
Na linha por um fio não dá pra vacilar
Então sigamos a utopia a lá Galeano
Continuo andando
Vivendo e sonhando

A esperança me move
Ela que é minha fonte
E eu só sigo uma linha
A linha do horizonte

**Vivemos separados no mesmo quintal.
Uma linha abissal.
A divisão é tão profunda
É tão desigual
Uma linha abissal
Não posso aceitar que seja tão normal
Essa linha abissal**

Separo o disparo certo
Do acidental (Tal, Tal, Tal)
Um mundo metropolitano
E outro colonial
Linha abissal
Que põe direitos humanos pra secar no varal
Linha abissal
Que faz o navio negreiro
Parecer tão atual
Linha abissal

A linha não é tênue
Cê que não tá vendo
E só lembrar
Fight The Power Public Enemy
Na vertical é barra é prisão
Na horizontal é letra é libertação
A linha corta
Entorta
E é porta também
Engorda e vira corda
E enforca tão bem
Enquanto a fome e a miséria estiverem *on-*
line
O *Rap* sempre vai ser uma *punch line*

E que quando ela endireita
Nem sempre é um bom sinal
Linhas retas
Linhas tortas
Linhas vivas
Linhas mortas

Refrão

Linhas costuram tecidos
Às vezes humano
Às vezes trapos
Linhas separam países
Dividem contratos
Linhas no rosto marcam o tempo
Nas mãos marcam o destino
Mantêm pipas no céu
Pelas mãos de meninos
A linha que mexe a marionete nem sempre
é visível
Ela já foi uma linha de ligação
Lembra umbigo
Virou só uma cicatriz
Marca de egoísmo
Algum Deus escreveu certo por linhas
tortas
Num eletrocardiograma
E até a medicina tão cética e tão exata
Aprendeu que a vida mora nessas linhas
sinuosas

Mais perguntas do que respostas

Marcela Fraguas

São Gonçalo, 29 de novembro de 2021.

Querido professor Paulo Freire,

Começo minha carta agradecendo ao senhor por ter dedicado anos da sua existência à luta pela melhoria da educação no Brasil. Hoje, como professora de escola pública, há tantos anos, percebo a grandeza de suas reflexões. O senhor olhou para aqueles que cotidianamente são invisibilizados em nossa sociedade. O senhor acreditou na transformação pelo conhecimento. Não no conhecimento elitista, que mantém as relações de poder, mas no conhecimento libertador. Suas palavras são tão potentes que, ainda hoje, seguem incomodando aqueles que não se veem como privilegiados em uma sociedade extremamente desigual e excludente.

Quando nos conhecemos, em 2002, eu era graduanda em Letras e, naquele momento, não tinha dimensão do quanto suas obras me ajudariam no exercício da profissão. Hoje, apesar de consciente de que muito ainda tenho a conhecer do seu legado, gostaria de dizer que seus escritos me fazem esperar a cada novo dia.

Não tem sido fácil ser professora em nosso país. Imagino que, em época alguma, tenha sido tarefa simples. Provavelmente, os muitos percalços pelos quais o senhor passou em seu ofício tenham sido sua motivação para escrever. Não sei se já teve vontade de desistir. O mais importante, no entanto, foi não ter desistido. Agradeço por isso, pois seu exemplo me encoraja a seguir em frente.

Com o senhor, aprendi que o conhecimento se constrói no diálogo. Com o senhor, aprendi que meus alunos não são depósitos de conteúdo, que eu não sou a detentora de verdades absolutas e que ensinar e aprender são ações conjuntas. Caminhar horizontalmente torna o caminho agradável e menos tortuoso. Para mim, a boniteza do ser professora se dá nesses encontros.

Gostaria de compartilhar dois deles.

Certa vez, em uma escola, situada no município de Itaboraí, Rio de Janeiro, onde trabalhei por nove anos, os alunos produziram um texto literário, cujo gênero exato não me recordo agora, com o objetivo de participarem de um concurso de redação promovido pela Secretaria de Educação. Na ocasião, os três melhores textos ganhariam medalhas de ouro, de prata e de bronze.

Confesso que não gosto desses concursos e, raramente, participo. Considero que, na escola, todas as produções devem ser valorizadas. Há crianças que vivem em situações extremas de pobreza e de vulnerabilidade e, mesmo assim, vão à escola sem que nenhum

adulto mande. Não há a mínima possibilidade de esses alunos serem perdedores. Entretanto, diante de situações como a do concurso, sempre questiono se minha opção por não participar estaria tirando dos estudantes a oportunidade de fazê-lo. A profissão que exercemos traz sempre mais perguntas do que respostas, não é mesmo?

Então, decidi, com uma colega também professora, que enviaria os textos escolhidos pelo júri da escola como “melhores”, com muitas aspas, para a comissão organizadora do concurso, mas que faria um café da manhã com os participantes, a fim de que todos fossem premiados por seus textos.

Convidamos uma escritora, que também lecionava no turno da noite da escola, para conversar com os alunos sobre o processo de criação do texto literário. Entregamos, depois, a cada estudante, um singelo presente e o texto reproduzido, digitado e impresso, em um papel que o tornava mais firme. Ao entregar o texto a uma aluna, em agradecimento por sua participação, ela encheu os olhos de lágrimas e me disse que, naquele momento, se sentia muito especial. Confidenciou-me, em seguida, que nunca imaginou ter um texto seu digitado.

O segundo encontro sobre o qual quero contar aconteceu em 2014, no Profletras. Ali, foram muitos encontros, na verdade. Alguém já lhe escreveu contando sobre o Mestrado Profissional em Letras? É um programa de pós-graduação *stricto sensu* voltado para professores da Educação Básica que lecionam em escola pública. Esse curso marcou meu retorno formal à universidade, lugar onde sempre me senti muito feliz.

Gosto de enfatizar o quanto o Profletras foi importante em minha trajetória docente. Nele, encontrei professores do chão da escola, com angústias, problematizações, revoltas, desejos e sonhos muito parecidos com os meus. Professores que, apesar de tudo, acreditam que “a educação muda as pessoas” e que “as pessoas mudam o mundo”.

Fiz parte da primeira turma do Profletras da FFP/UERJ. No município de São Gonçalo, temos a querida FFP, a Faculdade de Formação de Professores, um *campus* da Universidade do Estado do Rio de Janeiro voltado para a formação inicial de professores. Não tenho dúvidas de que a professora Marcia Lisbôa traria o senhor para palestrar na FFP. Eu não perderia por nada.

Nos tempos atuais, o senhor faria, certamente, muitas *lives*. Fico curiosa imaginando o que pensaria sobre isso. Mencionei o assunto, pois uma das *lives* me deu a oportunidade de ouvir e de conversar um pouquinho com a sua amada Nita. Ela continua muito apaixonada, seus olhos brilham quando ela fala do senhor e segue defensora implacável de sua obra e de sua história. A oportunidade desses encontros é um dos muitos presentes que a vida acadêmica me trouxe.

Como disse, as coisas não estão fáceis por aqui, porém tenho a certeza de que o senhor não se intimidaria. O cenário político parece um filme de terror. Não quero me estender sobre esse assunto. Nosso país é notícia no mundo inteiro. As notícias correm rápido. Acredito que já tenham chegado aí. Mas, um acontecimento, em especial, deixaria o senhor orgulhoso: Luiza Erundina, em seus quase 90 anos, concorreu como vice, ao lado do candidato a prefeito Guilherme Boulos, à prefeitura de São Paulo. Não venceram. No entanto, vê-la em campanha, em meio à pandemia, foi emocionante.

Apesar de todas as dificuldades, a geração atual me dá esperança de um futuro melhor. Tenho muitos alunos incríveis, críticos, amorosos, amigos, livres de preconceitos e de discursos de ódio. O senhor ficaria encantado.

Já estou chegando ao final da minha carta. Como sei que o professor gostava de escrever e de receber cartas, tenho uma última história para contar. Um dia, já adulta e professora, recebi da minha mãe uma carta escrita pelo meu avô, Manoel Adelino Martins, com quem convivi por quatro anos apenas, e de quem tenho, infelizmente, pouquíssimas lembranças. Ele me escreveu em 24 de julho de 1984, quando eu tinha um mês e duas semanas de vida. Reproduzo aqui algumas de suas palavras: “vamos ver se você vai ser também professora e que nós queremos que seja feliz na vida [...]”.

Se o senhor encontrar meu avô, diga-lhe, por favor, que sou professora e que, por essa profissão, que ele previu muito antes de mim, hoje, tenho a oportunidade de expressar minha admiração nesta carta a um dos maiores professores que o mundo já viu. Diga-lhe que faço a escolha de me tornar professora todos os dias e que, sim, sou feliz.

Mais uma vez, muito obrigada, Paulo Freire. O senhor é gigante!

Grande abraço,

Marcela

Girar a roda ao contrário

Danielle Martins

Niterói, 12 de novembro de 2021.

Querido Paulo,

Escrever é uma forma de lembrar. Então, quero lembrar de como me senti quando li *Pedagogia do oprimido* pela primeira vez. Abrir o seu livro é perceber caminhos e a partir da sua palavra, a consciência de ser oprimida se fez presente. Eu já sabia que passava por isso, mas não conseguia expressar em palavras.

Palavra é comunicação. Comunicação é compromisso. Compromisso é um levante.

Se procurarmos no dicionário, levante pode significar “lugar do horizonte onde o sol se levanta”. Poético, não? Acredito que o senhor pense da mesma forma.

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são duas das mulheres que acendem meu sol e me ajudam durante o levante, mas me lembro que, na época da faculdade, devido ao apagamento que muitas mulheres negras sofrem na academia, não as conhecia. Olha, a tal da opressão que o senhor sempre aponta, certo? Lia sua obra e ficava inquieta a cada página como se a mão que oprime desse pequenas cutucadas no meu ombro e dissesse “estou aqui e talvez nunca vá embora”, mas continuei lendo e, a cada capítulo, ela foi se tornando distante.

A amiga consciência resolveu fazer morada tendo o senhor como mensageiro da liberdade. Fechei o livro mais leve, mais livre e bem indignada com sede de mudança. Hoje, sou professora, acredita?

Em sala de aula, me sinto corpo e mente que caminha para a liberdade sendo representatividade para os alunos, alunas e alunes que carregam na sua pele segredos de sobrevivência. Não é fácil ser negro nesse país, mas giramos a roda para o lado contrário e seguimos lutando contra a opressão em forma de racismo. Obrigada por ser um daqueles que germinam sementes da revolução, Seu Paulo.

É, gostei da sonoridade de “Seu Paulo” porque assim o senhor parece um vizinho bem próximo que me chama para beber um café e ouvir seu saber cotidiano no quintal com duas cadeirinhas. Talvez, eu me sinta assim quando leio suas palavras, sua sabedoria parece café quente que chega para ativar as ideias.

Com afeto,

Danielle Martins

Como esperar em tempos de desesperança?

Vanessa Cabral

*“A esperança na libertação não significa já a libertação.
É preciso lutar por ela, dentro de condições historicamente favoráveis.
Se estas não existem, temos de pelejar esperançadamente para criá-las,
viabilizando, assim, a libertação.”*
Paulo Freire (2015, p. 30).

Querido Mestre Paulo Freire,

Começo essa carta desculpando-me por, durante muito tempo, não ter dado a atenção que a sua obra merece, porém reafirmando de antemão o compromisso de corrigir esse lapso em minha prática docente, conforme tenho buscado fazer nos últimos 22 anos, certa de que seus escritos têm trazido esperança aos dias tão inimagináveis que a educação vive no Brasil. Querido mestre, tem sido muito difícil ser professor por aqui. Historicamente, essa vocação não nos proporciona tarefas fáceis, mas ultimamente é como se fôssemos inimigos declarados do povo. Sempre soubemos lidar com a falta de estrutura das escolas que atendem aos filhos da classe trabalhadora. Sempre soubemos inovar e “tirar leite de pedra” para que essas crianças pudessem se sentir parte desse mundo que tanto exige de nós. Sempre buscamos esperar porque aprendemos com você que esperança é ação. E é ação que não se faz sozinho.

Tenho tentado tratar de assuntos relevantes para meus alunos enquanto cidadãos em formação. Nos últimos anos, como professora de inglês de redes públicas, venho abordando questões que não se limitam à prática de apenas ensinar gramática ou regras de uso da língua estrangeira. Tento, por meio de minhas atividades, trazer um pouco de reflexão sobre a sociedade na qual estamos inseridos: uma sociedade de privilégios, excludente e preconceituosa. Acho que esse esperar que aprendi com você tem um pouco de resistir também, de remar contra a maré e de sair do óbvio. Entretanto, sinto-me exausta e quando olho meus amigos não os vejo diferentes de mim. Creio que essa exaustão e desânimo não se dão apenas pelos baixos salários pagos aos professores no Brasil. As condições de trabalho, no geral, são péssimas e a falta de respeito com o trabalho docente, somados, ainda, aos constantes ataques à categoria, acabam funcionando como uma falta de estímulo para que novas gerações desejem ingressar no magistério. Diante desse cenário, como esperar, Mestre Paulo? O meu esperar vem de pensar que nossa luta é a que tem o poder de transformar a sociedade, de saber que somente por intermédio da educação somos capazes de ter e oferecer um futuro melhor às classes mais oprimidas.

Porém, Mestre, o cenário educacional do nosso país é desolador. Estamos vivendo um período de total obscurantismo e desinformação. Ano após ano, os cortes em investimentos na educação afetam a forma como esses jovens são formados, como os professores se

sentem desestimulados. E, como a educação para os filhos das classes trabalhadoras é cada vez mais sucateada, são inúmeros os fatores que explicam o baixo rendimento dos estudantes brasileiros. Mas acredite, querido Paulo, a culpa por esse baixo desempenho recai sobre os professores e, nos últimos anos, pasme, também é atribuída a você. Acredite ou não, com tanto afeto nas suas escritas, com tanta paixão pelo educar e com uma enorme vontade de tirar os oprimidos da situação em que se encontram; mesmo com todo esse seu trabalho reconhecido mundo afora, aqui no país onde você é patrono da educação, culpam-lhe pelo fracasso escolar fomentado há anos por aqueles que governam nosso país. Em meio a tanta desinformação, não consigo conceber outra hipótese senão a de que as classes dominantes não querem que os menos favorecidos sejam educados de forma crítica, afinal, sendo críticos, seguiriam na situação de oprimidos?

Analisando todo esse cenário em que nos encontramos hoje, querido Mestre, é em suas obras que encontro alguma esperança de que, um dia, uma pedagogia verdadeiramente libertadora prevaleça em nosso país e que a educação seja algo a ser verdadeiramente valorizado e não objeto de promessas eleitoreiras. Pegarei emprestadas algumas palavras de bell hooks, que teve em você a inspiração para criar obras libertadoras. A premiada escritora e ativista nos diz que: “como professores, nosso papel é conduzir nossos estudantes na aventura do pensamento crítico” (hooks, 2020, p. 81). É um preceito que também busco manter em mente todos os dias ao planejar minhas aulas. Quero que saiba, querido professor, que, assim como bell hooks e tantos outros professores por esse planeta, meu trabalho, embora infinitamente menor, também é influenciado pelas suas palavras de sabedoria e esperança.

Procuro colocar em prática a ação de esperar todos os dias. Procuro também mostrar que o tempo todo aprendemos uns com os outros e por isso nossa prática deveria ser transformadora de vidas. Entro em cada sala de aula com a esperança de que naquele dia alguma mente se abrirá a essa transformação para que, nesse país de tantas desigualdades, possamos encontrar justiça. Eu trabalho com os filhos da classe trabalhadora e, portanto, minhas questões estão sempre ligadas aos seres humanos com quem estou todos os dias. Espero que mesmo depois desses mais de 20 anos lecionando não seja ingenuidade minha ainda acreditar que uma sociedade mais justa só é possível por intermédio de uma educação que liberte verdadeiramente aqueles que se encontram marginalizados. Fico feliz por saber que não estou sozinha nesse sonho de ver um país menos desigual, mais justo e com mais oportunidades para todos.

Entretanto, receio que essa nossa disposição em defender uma educação transformadora seja, ao longo dos anos, suplantada pelo cansaço que acompanha essa nossa luta, sobretudo pela desconfiança a respeito de dias mais favoráveis à nossa atuação como docentes.

Termino, portanto, essa carta com a pergunta que a iniciei: como esperar em meio a tanto obscurantismo e desesperança? Não acho que essa pergunta tenha uma resposta fácil. Acho, inclusive, que é uma daquelas perguntas de terapia lacaniana, que não busca uma resposta, mas um entender da situação para vivê-la da melhor forma possível. Sigo buscando esperança nas suas obras, sigo defendendo suas ideias e seus ideais e sigo, sobretudo, com a promessa de que preciso cada vez mais conversar com você para que minha prática encontre sentido no chão da escola, no contato diário e nos vínculos que criamos. Afinal, você mesmo já disse que “Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem...”. Ah, querido mestre, sigo aqui tentando usar seus ensinamentos porque, assim como você, acredito que é na escola que começamos a melhorar o mundo.

Por fim, reforço nesta carta os meus votos de que o esperar vire realmente ação em cada canto desse país e que nós, professores, possamos nos sentir reconhecidos, valorizados e possamos também mostrar esse reconhecimento por meio de nossas práticas.

Referências

FREIRE, Paulo. *A escola*. 2010. Disponível em: <http://www.rizoma-freireano.org/poema0808/a-escola-paulo-freire>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria crítica*. São Paulo: Elefante, 2020.

The State of Global Education. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/education/the-state-of-global-education_1a23bb23-en. Acesso em: 11 nov. 2021.

Uma ridícula carta

Renata Targino

Sim. Esta é uma carta de amor que escrevo em meu tempo. Poderia ser um manifesto, um poema-protesto, poderia ser uma nota de esclarecimento, de repúdio ou pesar, por esse país que não é possível para todos, todas e todes – até a troca de um fonema vocálico gera ódio e confusão. Ontem mesmo vi um aluno perguntando em uma rede social: isso existe, professora? Rede social, muitas vezes, não é lugar de acolhimento, Professor. Há a reverberação em praça pública de criaturas especialistas em dar opinião sobre o que não conhecem, não refletem, não refratam. Não há amor, nem interpretação de texto. A dor do outro é mi-mi-mi, é vitimismo, saber-se é “identitarismo” – doença infantil do globalismo, por mais paradoxal que isso possa parecer.

“Parem de falar do racismo que ele acaba”, disse um dia desses um ator de pele negra e máscara branca, sendo seguido por milhares de racistas inconformados com a existência de datas dedicadas à luta contra a opressão e o massacre de milhões de seus irmãos e irmãs – até a instituição de um dia no calendário gera ódio e confusão. Em um 20 de novembro, dia em que mataram Zumbi dos Palmares, também mataram João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, com as próprias mãos. Há um ano vimos pela TV o assassinato desse homem negro, na porta de uma rede de hipermercados – rede, muitas vezes, não é lugar de acolhimento, Professor. Não há amor, nem Consciência Negra, porque a educação do nosso povo não é libertadora. Conforme nos ensinou o ativista sul-africano Steve Biko (2014, n.p.), “a libertação tem importância básica no conceito de Consciência Negra, pois não podemos ter consciência do que somos e ao mesmo tempo permanecermos em cativeiro”.

Professor, sou uma professora, mas, antes disso, sou uma mulher nascida na favela, que reside e atua na periferia não por opção, mas por necessidade, por uma obrigação que vem do desejo de mudança. Audre Lorde (2019, p. 169) disse certa vez: “eu não sou livre enquanto qualquer mulher for cativa. Mesmo se as correntes dela forem muito diferentes das minhas”. Nessa escola do mundo às avessas, eu preciso ser mulher professora, trabalhar em escola pública, de comunidade empobrecida e violentada, onde dez homens estupraram uma mulher no bar da rua Caetano Moura, Lagoinha – até terminar relacionamento com um traste gera ódio e confusão. Não há rede de proteção, não há amor, nem igualdade de gênero. Marielle Franco, vereadora eleita, cria da Maré, assassinada em uma rua da cidade maravilhosa junto ao seu motorista, dizia que não seria interrompida. Só não foi porque é semente. Assim como Audre Lorde, ela amava mulheres. Ainda não inventamos um nome para essa pedagogia.

Conscientização, consciência crítica, ação-reflexão, engajamento, justiça social, empoderamento, incontáveis são as lições deixadas para nós, Professor, obrigada. A cada aula, a cada reunião de estudos ou debates, a cada ciclo da nossa vida profissional e acadêmica, descobrimos algo que estava sempre ali nos seus escritos, nos seus discursos, mostrando-nos que não existe uma luta de um só tema, que educação é um ato político,

que não se ensina sem amor – palavra geradora (FREIRE, 2021). Por mais que o cenário trágico nos desanime, estamos aqui vencendo o ódio de cada dia, estamos sendo o que somos, da luta não saímos, por meio dela mudamos vidas, as nossas e as de tanta gente que passa deixando algo de si e levando algo de nós.

O amor é lindo, o amor é brega, segundo Cazusa – aquele artista que parou o tempo, amou os homens e escreveu, sem dar por isso, cartas de amor. No seu último álbum, ele cantou: a burguesia fede, a burguesia quer ficar rica – em tom crítico e raivoso. Sabe essa raiva? Eu a sinto e sei que muita gente aqui também, porque ser brasileira hoje é passar raiva, e se tem alguém que não está com raiva, não está entendendo nada. Brasil, ame-o e passe raiva! Isso pode ser o lema de quem está há algum tempo tentando tomar a bandeira de volta, a grande questão é como fazer. Não sei dialogar com fascistas, não sei dialogar com racistas, não sei dialogar com quem viola direitos, mata mulheres, assalta o povo e governa acolhida em confortáveis redes de corrupção. Essa gente não sabe o que é amor, Professor, mas nossos/as adolescentes e jovens sabem, porque nós ensinamos, e o nosso diálogo mais importante se dá em sala de aula, lugar do qual não podemos sair.

Segundo o professor Luiz Rufino (2021), em belo artigo celebrando o seu centenário, devemos praticar uma espécie de capoeiragem com os modelos impostos por um projeto de dominação que remete aos tempos do Brasil colônia, caçar os vazios, reposicionar os seres que foram violentados. Essa pista o senhor também nos deixou. Sob sua inspiração, Rufino (2021, n.p.) diz que a tarefa da educação é “criar condições para um *vir a ser* em que as potencialidades, autonomia, liberdade e dignidade não sejam restringidas, mas sim orientadas por uma ética”. A ética do amor.

Professor, é sobre isso! Estendermos uma rede de amor e inclusão, que deseja meter a colher, botar a boca no mundo e a mão na massa, sacudindo as estruturas desse país desigual. Precisamos procurar a nossa turma, articular estratégias com quem tem disposição para uma grande transformação social – pois os dispostos se atraem. É importante ensinar sobre pontos e vírgulas, sobre coesão e coerência textual, mas é imprescindível salvar as vidas que se perdem todos os dias de fome, de doença e de tiro. O senhor não imagina a quantidade de Maracanãs lotados de jovens negros mortos nos últimos 20 anos.

Como diz nossa grande escritora Conceição Evaristo (2007, p. 21), “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. Há algumas semanas, o presidente fascista que o Deus Mercado nos deu disse que “o excesso de professores atrapalha o país”. É o projeto de dominação em curso desde 1500, é a lógica capitalista, é a economia neoliberal, é privatizar os lucros e socializar os prejuízos. As cartas que minhas alunas e alunos hoje escrevem não são de amor, mas para pessoas que já morreram. Não é possível ressignificar esses textos sem

ressignificar sua realidade de uma forma lúcida e madura, porque a pobreza exige muito das nossas crianças, o senhor sabe. Conceição, que é professora, sabe mesmo das coisas... Sabedoria africana, ancestral, capoeira. Precisamos continuar atrapalhando os genocidas, praticando na escola leitura e escrita para nos mantermos vivos – vidas visíveis e vivíveis (BUTLER, 2018).

Com amor...

Renata Targino.

São Gonçalo, 23 de novembro de 2021
dois dias depois da chacina no Salgueiro.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

BIKO, Steve. *A definição da Consciência Negra*. Tradução Núcleo de Estudantes Negras "Ubuntu" / Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2014 [1971]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/definicao-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

CAZUZA. *Burguesia*. Rio de Janeiro: Universal Music Ltda, 1989.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Tradução de Adriana Lopes. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

RUFINO, Luiz. Paulo Freire, o caboclo atira seus versos de liberdade. *Jornal Literário Pernambuco*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2021. Disponível em: <http://suplementopernambuco.com.br/capa/2645-paulo-freire-o-caboclo-atira-os-seus-versos-de-liberdade.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Indesejando futuro de não ser

Thaís Pereira da Silva

Confesso Freira,

Falhei com os seus ensinamentos. Meu luto, nesse momento, não é mais do verbo lutar. Essa é uma carta póstuma de uma professora que faleceu antes mesmo que pudesse desabrochar. Não sei se não sou mais professora ou se estou não professora. O fato é que não ser mais professora passou a ser meu futuro indesejado.

Falhei ao esperar, porque esperar não é esperar que as coisas melhorem sem luta. É lutar!!!

Abraço-me com suas palavras,

Thaís Pereira da Silva

As autoras

Clarissa Jordão

Tem doutorado em educação literária pela USP e mestrado em literaturas de língua inglesa pela UFPR. Realizou pós-doutorado em globalização e estudos culturais na Universidade de Manitoba e estágio sênior pela Capes na área de inglês como língua internacional e letramento crítico na Universidade de York, ambos no Canadá. Atualmente na UFPR, trabalha com Linguística Aplicada na pós-graduação, onde orienta Mestrado e Doutorado. É professora do Programa de Apoio à Docência no PPLIN da UERJ. Participa dos Grupos de Pesquisa Identidade e Leitura (UFPR) e Novos Letramentos, Multiletramentos e o Ensino de Língua Estrangeira (USP), ambos cadastrados no CNPq, no qual é também bolsista produtividade (nível 2). Seus interesses de pesquisa envolvem letramento crítico, inglês como língua franca, internacionalização do ensino superior, formação de professores e práxis pós-estruturalista e pós-colonial.



Danielle da Silva Martins

Mulher preta, professora que pensa a educação como movimento transformador, escritora (@escritoradomeusentir) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN-FFP/ UERJ) que tece suas vivências a partir do carnaval das escolas de samba, que é herança, harmonia e pesquisa.



Daniele Maria de Jesus Negre

Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPLIN/FFP/UERJ. Graduada em Letras – Português/Literaturas pela mesma universidade (2019). Participou como bolsista do projeto de Iniciação Científica “Relações entre os novos estudos do letramento e o desenvolvimento de metodologias de ensino de língua portuguesa para adolescentes em situação de semiliberdade” (DEPESQ/UERJ), de julho de 2017 a fevereiro de 2018; participou como bolsista do projeto de Iniciação à Docência “Estratégias pedagógicas para o ensino de língua portuguesa para jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social: construindo uma metodologia sociocultural” (CETREINA/UERJ), de março de 2018 a junho de 2019. Desde então, atua como voluntária do projeto. Integra o grupo de pesquisa Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social (PROFJUS). Professora da Rede municipal de São Gonçalo-RJ.



Ivanete França Galvão de Carvalho

Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Leitura e Produção Textual pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). É professora de Literaturas de Língua Portuguesa, Criação Literária e Escritora. Publicou os livros *Flor de Maio-Poemas Oferecidos* (Ed. Multifoco, 2013), *Lola-Todas as Mulheres - Contos* (Ed. Ases da Literatura, 2022) e *Caderno de Rascunhos* (Ed. Voz de Mulher, 2023).

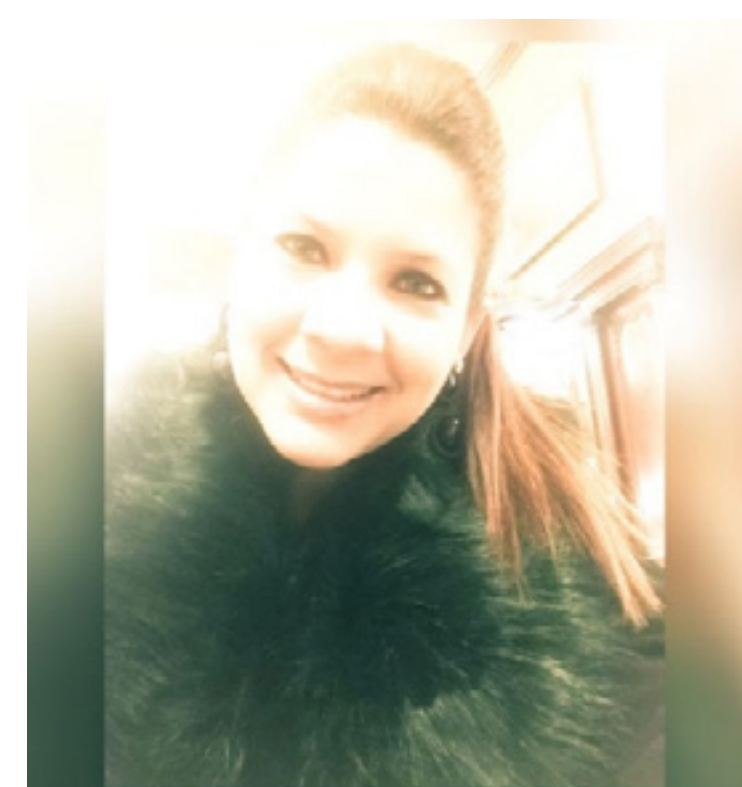
Participa em antologias de contos e de poesias. Transita entre a fotografia e a colagem para criar cadernos artesanais poemáticos com textos autorais. Pesquisadora da escrita feminina e membro do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social (FFP-UERJ).



Leticia Franco

Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PROFLETRAS/FFP-UERJ. Pesquisadora membro do Grupo de Pesquisa PROFJUS: Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social. Especialista em Leitura e Produção de Textos pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Graduada em Letras (Português/ Literaturas) pela mesma universidade (UFF). Professora efetiva de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Produção Textual

nas redes municipal e estadual de ensino, em escolas situadas na cidade de Niterói. Atua como Coordenadora Pedagógica de Língua Portuguesa, na Diretoria de 3º e 4º ciclos, da Fundação Municipal de Educação da Prefeitura de Niterói – FME/SME. Ministrou aulas de Língua Portuguesa e Produção Textual na rede municipal de ensino das cidades de Cabo Frio, Araruama e Nova Iguaçu.



Lilian Alves Jandir

Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro – PPLIN/FFP/ UERJ. Participante do grupo de pesquisa denominado PROFJUS – Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social. Especialista em Gestão Educacional: Supervisão, Orientação e Administração Escolar – Faculdade Geremário Dantas (2012); graduada e licenciada em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2006/2007). Atualmente, professora efetiva do I Segmento da Educação Básica, atuando em turmas do Ciclo de Alfabetização nos municípios de Cabo Frio, desde 2010, e Armação dos Búzios, desde 2013.



Marcela Martins de Melo Fraguas

Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2020). Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2016). É Membro do grupo de pesquisa Formação de professores, linguagens e justiça social (FFP–UERJ). Atualmente, é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Colégio Universitário Geraldo Reis, da Universidade Federal Fluminense (COLUNI – UFF).



Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). É professora adjunta do Departamento de Letras da FFP/ UERJ, atuando no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS – FFP/UERJ), no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN–FFP/UERJ) e no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEDU/FFP–UERJ). Bolsista do Programa PROCIÊNCIA UERJ desde agosto de 2020. Desenvolve pós-doutoramento no CES/UC, sob supervisão do Professor Doutor Boaventura de Souza Santos.



Maria José Pires Simão

Mestranda em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Área de Concentração: Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Linha de Pesquisa: Educação e Diversidades Étnico-Raciais, em 2021. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa PROFJUS: Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Celec: Coletivo de Estudos de Letramentos Contemporâneos UFRJ/UFRRJ. Licenciatura em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal Fluminense. Integrante da Comissões de Heteroidentificação da UFRRJ. Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual no município de São Gonçalo desde 2007 (Colégio Estadual Santos Dias e Colégio Estadual Melchíades Picanço). Em 2005, atuou como pesquisadora do Projeto GERES sobre desempenho escolar; professora do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM (em 2006); do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM (em 2007) e supervisora do PROJOVEM (de 2007 a 2012) e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UERJ-FFP (2018/2019).



Renata Targino

Professora de língua portuguesa e literaturas da rede estadual do Rio de Janeiro. Mestre em Letras (PROFLETRAS/UERJ). Doutoranda em Linguística Aplicada (PIPGLA/UFRJ).



Thaís Pereira da Silva

Mestra no Programa de Pós-Graduação (*stricto sensu*) em Letras e Linguística (PPLIN) na área de concentração Estudos Linguísticos na FFP-UERJ. Pós-graduada (*lato sensu*) no curso de Especialização em Educação Básica na modalidade de Ensino de Língua Inglesa na FFP-UERJ. Graduada em Letras Português e Inglês na FFP/UERJ. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Prática Exploratória (NEPPE) e do grupo de pesquisa Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social (PROFJUS). Anteriormente, bolsista de Estágio Interno Complementar do projeto intitulado “Memórias de um projeto: o que vamos guardar nessa caixinha?” (2015.1-2015.2 FFP/UERJ) e bolsista do projeto de Iniciação à Docência “Ensino de Inglês para crianças: formando professores reflexivos” (2013.1 - 2014.2 FFP/UERJ).



Vanessa da Fonte Cabral Viégas

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN-FFP/UERJ). Especialista em Língua Inglesa (PUC-Rio). É membro do grupo de pesquisa PROFJUS: Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social (UERJ-FF). Membro do Fórum de Estudos e Ações de Educadores Antirracistas de Niterói. Professora de língua inglesa dos anos iniciais na rede pública municipal de Niterói e anos finais na rede pública municipal de Itaboraí, tendo também experiência no ensino de língua estrangeira para a Educação de Jovens e Adultos na rede pública estadual do Rio de Janeiro e em diversos cursos livres.



Siga-nos  
@profjus-ffp-uerj



Esperança
Ousadia
Autonomia
Indignação
Solidariedade
Direitos humanos
Pensar
Ser
Sonhar
Transformação
Centenário Freire **Justiça**
Medo
Educação
Liberdade
Oprimido
Mudança Política
Crítica
Social

Publique com a gente e
compartilhe o conhecimento

 Letraria[®]

www.lettraria.net

As cartas aqui postadas são, por si mesmas, fonte de motivação e aprendizado. A obra apresenta uma fluidez da linguagem capaz de emocionar a todos. Os ensinamentos de Paulo Freire relatados por meio das cartas nos levam a cultivar a esperança de um futuro mais justo, fraterno, humano e possível. Também as cartas a Paulo Freire nos emocionam por serem escritas por educadores que buscam, no legado de Paulo Freire, a coragem e o propósito de contribuir para a formação de um cidadão melhor para o mundo.

Maria Ivete Trevisan Fossá (UFSM)

Parabenizo as autoras deste relevante, belo e emocionante trabalho. A iniciativa e execução deste livro ratifica a permanente urgência de todas, todos e todes continuarmos confirmando e agindo conforme os valores revolucionários e libertadores da Pedagogia e da Filosofia de Paulo Freire.

Rita de Cassia Pimenta de Araújo Campelo (UFJF)

Apresentar os impactos que as obras de Paulo Freire oportunizam no crescimento de cada professora é de uma escolha sem igual. Não poderia ter forma mais "Paulo Freire" de homenagear Paulo Freire. Parabéns às autoras. A leitura se faz imediata, reflexiva, intensa e convidativa. O início da leitura não permite a pausa até chegar na última carta.

Fabiana da Costa Pereira (UFSM)



 Letraria®